



DE  NAS
JUVENTUDES

M O R T A L I D A D E
J U V E N I L
N O B R A S I L

cienciaefe.pucpr.br
observatoriodasjuventudes.pucpr.br

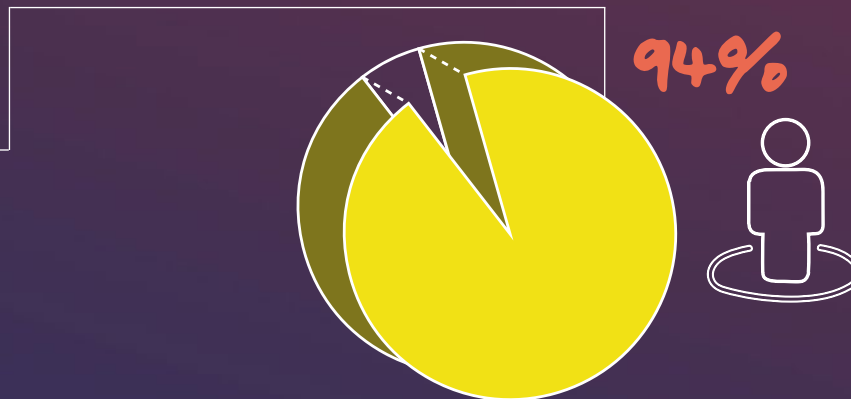
EDITORIAL

Educadoras e Educadores,

Acreditar que os jovens são o centro do carisma de Marcelino Champagnat nos recorda da necessidade de revisão constante das nossas práticas pedagógicas, evangelizadoras e administrativas. Temos muito mais chances de acertar em nossas abordagens, quando levamos em conta que a juventude é um tempo de buscas, descobertas e incertezas. Não se trata, por isso mesmo, de adotarmos, por um lado, uma postura que os sacralize, como se por vivermos “num país de jovens”, tudo que eles dizem seja a mais pura verdade. Muito menos, por outro, devemos condená-los ao descrédito, como se tudo que eles fazem parte da inexperiência ou da rebeldia. Devemos aprender a fazer caminho com eles, compreendendo suas potencialidades e limites.

Para que vocês tenham uma ideia, **dos pouco mais de 18.000 estudantes de graduação que temos no Câmpus Curitiba da PUCPR, praticamente 15.000 têm até 24 anos**. Se adotarmos o referencial estabelecido pelo Estatuto da Juventude, que põe o corte **até 29 anos**, esse número sobe para mais de **17.000 estudantes**. Isso prova que, ainda que o acesso de adultos à universidade tenha se ampliado nos últimos anos, ainda somos uma instituição que trabalha essencialmente com o universo juvenil. Essa realidade indica que conhecer os sonhos, as frustrações e os desafios das juventudes (aqui entendida no plural, por sua diversidade) e colaborar na construção de seu projeto de vida, é uma prerrogativa de nosso trabalho de educadores e educadoras.

Com este boletim, que desejamos publicar periodicamente, o Observatório das Juventudes da PUCPR pretende oferecer uma ferramenta de análise dos dados estatísticos mais significativos que são veiculados sobre os jovens em pesquisas oficiais e não oficiais. Dessa forma, podemos colaborar tanto para a melhoria e atualização da nossa percepção sobre esses que são nossos maiores interlocutores no espaço universitário, bem como para a minimização dos conflitos geracionais, comuns em tempos de transformações rápidas e nem sempre devidamente dialogadas.



Nesta primeira edição, discutiremos um dos problemas que mais afetam os jovens na atualidade:

a mortalidade juvenil.

Nos recém completados duzentos anos da fundação do Instituto Marista, é fundamental não perdermos de vista o espírito audacioso de Champagnat de “irmos ao encontro dos jovens”, em especial os mais vulneráveis, certos de que eles são os sujeitos das transformações que esperamos, ou melhor, que já vemos acontecer no mundo.

Fabiano Incerti, Diretor do Instituto Ciência e Fé

MORTALIDADE JUVENIL NO BRASIL

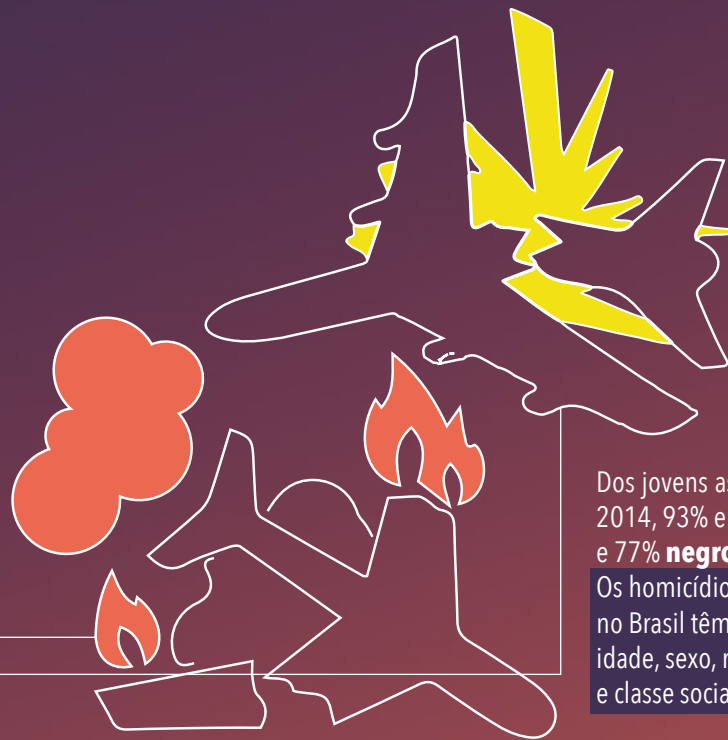
O Brasil é o país com o maior número de homicídios no mundo. Em 2014, foram mortas mais de 59.000 pessoas. Proporcionalmente, ocupamos a 18ª posição em um ranking mundial e o 5º lugar na América Latina, chegando à média de 29,1 vítimas para cada grupo de 100 mil, a maior marca registrada na história.

Estamos, nos indicadores de violência, ao lado de países muito pobres como Honduras, El Salvador e Etiópia. A população jovem é a que mais sofre com os homicídios. Segundo dados oficiais, em 2014, morreram 31.419 pessoas entre 15 e 29 anos, ou seja, 59% do total.

As estatísticas são alarmantes: pelo menos 2 assassinados por hora.

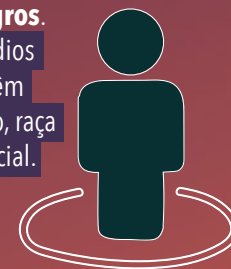
É como se caíssem dois aviões por semana lotados de jovens.

Os homicídios são a causa de 39% das mortes de jovens de 15 a 24 anos no Brasil. Para o restante da população, são a causa de apenas 3% das mortes.



Dos jovens assassinados em 2014, 93% eram **homens** e 77% **negros**.

Os homicídios no Brasil têm idade, sexo, raça e classe social.



Número de homicídios
em 2003 e 2012, segundo a cor, Brasil
Fonte: Mapa da Violência, 2015.

Jovens Negros ● 20.291

Jovens Brancos ● 13.224

2003

28.946

NEGRA

A MAIS

VULNERÁVEL

10.632

2012

A boca do jacaré está abrindo

O número de jovens brancos mortos caiu de 39,5% em 2003 para 26,9% em 2012. No mesmo período, a taxa de mortalidade dos jovens negros aumentou de 60,5% para 73,1%, ou seja, quase 2,5 vezes mais chances de serem assassinados do que os brancos.

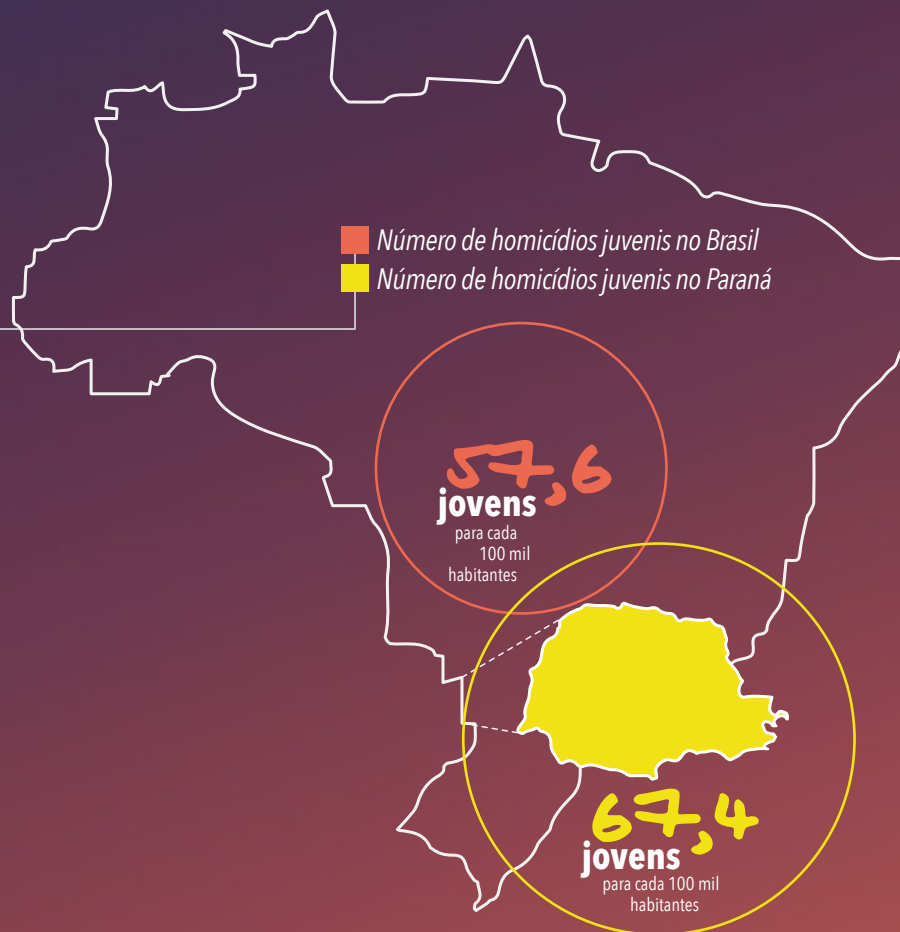
Para a Professora Nilma Lino Gomes (UFMG), **"A juventude negra merece atenção especial, em razão das desigualdades históricas e distorções arraigadas na nossa sociedade, que ainda mantêm esse grupo em situação de flagrante desfavorecimento.** Para que os jovens negros deixem de ser protagonistas do Mapa da Violência é preciso que atuemos em diversas frentes, que incluem a redução da pobreza e criação de oportunidades de educação, lazer e trabalho".

E O PARANÁ?

Olhando a violência do ângulo local, é possível constatar que **a mortalidade juvenil no Paraná é superior à taxa nacional**. Enquanto o número de homicídios juvenis no Brasil é de 57,6 jovens para cada 100 mil habitantes, no Paraná esse índice é de 67,4.

Nosso Estado é o **mais violento da Região Sul** do país e apresentamos números de violência muito mais elevados do que países que exibem os mesmos índices de desenvolvimento econômico que os nossos.

Somos o 6º Estado mais rico da Federação e estamos em 17º na prevenção e combate aos homicídios. Esse dado revela o fosso entre a riqueza do Estado e os mecanismos de segurança e promoção da qualidade de vida.



QUAIS OS CAMINHOS?

A educação funciona como um escudo contra os homicídios. Ao compararmos os anos de escolaridade com a taxa de homicídios entre os jovens, é possível observar que quanto mais anos de estudos, menores são as chances de ser vítima da violência.

Os jovens de 21 anos com

MENOS de 7 anos de estudo apresentam



mais chances de sofrerem homicídios

se comparados com jovens com **MAIS de 7 anos de estudo**

(para se ter ideia, são necessários 9 anos de estudo para se concluir o ensino fundamental regular).

1 ANO
a + na escola,

1 ANO
a – de chance
de sofrer homicídio.

Fonte da estimativa: IPEA (Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada)

De acordo com Marcelo da Silveira Campos (UFGD), "a exclusão social, o aumento da população prisional, a ausência de proteção e a desigualdade de direitos a que estão submetidos esses jovens, são fatores que contribuem para o aumento da violência".

A solução depende de um conjunto de políticas que combatam a miséria, o tráfico de drogas e o acesso ao crime. Entretanto, **uma das melhores medidas para se reduzir a vulnerabilidade à violência está na educação.** O acesso ao ensino permite reduzir fortemente o envolvimento com os crimes letais e com as mortes violentas.

E N Ó S EDUCADORES?

Este boletim é o primeiro de uma série que está sendo produzida sobre a realidade da juventude brasileira. Esperamos que esse material contribua para nossa compreensão de quem são os jovens, como vivem, as dificuldades que enfrentam e que mediações podemos estabelecer com eles.

É importante reconhecermos **nosso papel de fomento ao acesso e permanência de jovens no ensino superior**. Além do mais, **podemos explorar essa realidade em sala de aula**, demonstrando que a educação que um jovem experimenta pode se desdobrar num círculo virtuoso para os seus familiares e para a sua comunidade, **abrindo as portas da escola e fechando as portas da violência**.

Para saber mais

mapadaviolencia.org.br

ipea.gov.br

juventudescontraviolencia.org.br

Referências

Cerqueira, Daniel et. al. **Atlas da violência 2016**. Ipea e Fórum Nacional de Segurança Pública, 2016.

Waiselfisz, Julio Jacobo. **Mapa da Violência: Os Jovens da América Latina**. Ministério da Justiça-Brasil e Instituto Sangari, 2008.

Waiselfisz, Julio Jacobo. **Mapa da Violência: Os Jovens do Brasil**. Instituto Sangari, 2011.

Expediente

Waldemiro Gremski - Reitor

José Luiz Casela - Pró-Reitor Comunitário

Ir. Rogério Mateucci - Diretor de Identidade Institucional

Fabiano Incerti – Diretor do Instituto Ciência e Fé

Saulo Geber – Coordenador do Observatório das Juventudes

Laís Bittencourt – Analista de Projetos

Luiz Domingos Costa – Professor Consultor

Cassio Sniecikoski - Analista de Projetos

Guilherme Przepiura dos Santos Costa - Designer

Juliana Satie Oshima - Revisora

Vol 1. n. 1 – março de 2017

Boletim do Observatório das Juventudes - Instituto Ciência e Fé

Pontifícia Universidade Católica do Paraná

observatoriodasjuventudes@pucpr.br

Rua Imaculada Conceição, 1155 | Prédio Administrativo | 6º andar



Observatório
das Juventudes
PUCPR



INSTITUTO
CIÊNCIA E
FÉ PUCPR



PUCPR
GRUPO MARISTA